
As Idealizações de Sucesso no Imaginário Futebolístico Brasileiro: um estudo de caso

◀◀◀ Ronaldo Helal*

Introdução

Os êxitos e conquistas de ídolos e celebridades despertam a nossa curiosidade. Suas trajetórias de vida rumo à fama e ao estrelato costumam ser narradas na mídia de forma mítica, conferindo uma maior dramaticidade às conquistas. No Brasil, estas narrativas das trajetórias de vida dos ídolos enfatizam sobremaneira a genialidade e o improviso como características marcantes e fundamentais para se alcançar o sucesso. Isto torna-se ainda mais evidente nos universos das artes e dos esportes. Acredita-se, por exemplo, que as estrelas da música popular brasileira não precisam de muito “treino” ou “trabalho” para compor suas canções. O talento e a genialidade seriam suficientes. Outro exemplo poderia ser o da seleção brasileira que conquistou o tricampeonato em 1970, até hoje idealizada como uma equipe que não precisava treinar e tampouco necessitava de recomendações táticas, quando sabemos que, na verdade, a comissão técnica se utilizou de métodos de condicionamento e preparação física dos mais modernos da época. Ou ainda o da seleção que conquistou o tetracampeonato em 1994, criticada por parte considerável da mídia justamente por deixar claro a ênfase em uma “marcação forte” e uma rígida disciplina tática. Mesmo vencedora, o trabalho do técnico da seleção até hoje não foi reconhecido, como não foram também os trabalhos dos técnicos das outras conquistas (Rocha, 1996).

* Ronaldo Helal é professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutor em Sociologia pela New York University; Pesquisador do CNPq; Autor de *Passes e Impasses: futebol e cultura de massa no Brasil*, Editora Vozes, 1997 e de *O Que É Sociologia do Esporte*, Brasiliense, 1990.

Qual a relação das idealizações que os brasileiros fazem das conquistas e do sucesso dos ídolos com os “mitos” de sua cultura? Por que “constróem-se” narrativas que mitificam o êxito e o sucesso sem a ênfase no trabalho e no esforço? Por que falar em “esforço” seria um demérito neste país? Não existiriam também outros paradigmas de idealização de sucesso? E se eles existem, não seriam também vertentes brasileiras, mas pouco cultuadas? São estas questões que vão permear as reflexões deste artigo, que se propõe a analisar criteriosamente a idealização do sucesso contida na biografia do maior ídolo do futebol brasileiro nas décadas de 70 e 80: o atleta Zico, hoje um bem-sucedido empresário.

Ao tratar da biografia de um atleta esportivo, enfatizamos uma diferença básica entre ídolos deste universo e de outros, como música e dramaturgia. Enquanto os primeiros freqüentemente possuem características que os transformam em heróis, os do outro universo raramente carregam estas qualidades. A explicação para este fato reside no aspecto agonístico, de luta, que permeia o universo do esporte. O “sucesso” de um atleta depende do “fracasso” do seu oponente. É uma competição que ocorre dentro do próprio universo do espetáculo. Ambos, ídolos do esporte e ídolos da música, se transformam em celebridades, porém, só os ídolos do esporte são considerados “heróis”. Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para “redimir a sociedade”.

Esta característica do “ídolo-herói” acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes “heróis” são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, uma cultura se expressa e se revela. De fato, o mito, conforme nos ensina Eco, é uma “projeção na imagem de tendências, aspirações e temores particularmente emergentes num indivíduo, uma comunidade, em toda uma época histórica” (1979: p. 239).

A quantidade de ídolos na história do futebol brasileiro é muito grande. Diferentes enquanto sujeitos, suas biografias podem ser agrupadas em alguns modelos ou arquétipos singulares, próprios da cultura. Enquanto paradigmas de alguns modelos de existência, as biografias destes heróis “editadas” pela mídia falam freqüentemente de trajetórias recorrentes (Coelho & Helal, 1996). Assim, agrupar alguns modelos de ídolos do futebol brasileiro e investigar a edição “midiatizada” de suas trajetórias podem nos ajudar a entender melhor a relação entre mídia e cultura popular.

A escolha da biografia de Zico deveu-se ao fato de se tratar do maior ídolo do nosso futebol durante as décadas de 70 e 80 e estrela de uma geração de jogadores vitoriosos em seus clubes mas que não lograram êxito em Copas do Mundo.² Figura muitas vezes contestada quando saía do universo do Flamengo, a bio-

grafia de Zico fala da luta do “fraco” contra o “forte”, da vitória através do trabalho e da determinação, e de uma sucessão de obstáculos e provações que ele teve que superar. Construída em uma época em que o futebol ainda não era um fenômeno totalmente “midiatizado”, a narrativa da figura mítica de Zico é um emblema de um modelo que une profissionalismo com paixão, determinação com prazer, esforço com alegria de praticar o futebol. Inclusive, o filme “Uma Aventura do Zico”, de Antônio Carlos da Fontoura, lançado em 1999, expressa exemplarmente estas junções presentes na biografia de Zico.

A análise concentra-se em duas biografias do atleta. Uma, *Zico: Uma Lição de Vida*, escrita por Marcus Vinícius de Bucar Nunes e publicada em 1986 pela Offset Editora Gráfica e Jornalística; portanto, com o jogador ainda em atividade e no auge da idolatria. A outra é *Zico Conta a sua História*, escrita por ele mesmo e publicada em 1996 pela FTD, quando já era um bem-sucedido empresário do ramo futebolístico. Notemos que a FTD é especializada em livros dirigidos para o público juvenil. A publicação da biografia de Zico nesta editora revela a crença na importância da sua história para a formação do caráter.

Mito, Talento e Esforço

Esforço e determinação como elementos fundamentais para se alcançar êxito são, muitas vezes, relegados a um plano secundário nos discursos construídos pelos cronistas brasileiros inseridos nos universos das artes e dos esportes. No caso específico do futebol, chega a ser até uma crítica contundente chamar um jogador de “esforçado”. Esta é uma maneira de se dizer que o sujeito não tem talento, porém se esforça. A forma oposta seria o talento puro, genuíno, inato, que não precisa de treino ou esforço para ser aprimorado, como se não fosse possível ser talentoso e esforçado ao mesmo tempo. Frequentemente, quando tratamos de ídolos do futebol brasileiro nos deparamos com uma narrativa que idealiza talentos inatos e irreverência como ingredientes do sucesso. A biografia de Zico fala de uma outra realidade, calcada primordialmente no domínio do esforço e da determinação como instrumentos basilares para se alcançar êxito. É justamente esta faceta da biografia de Zico que gostaria de chamar a atenção, pois ela nega uma ideologia de sucesso cultuada no imaginário brasileiro quando se trata de ídolos futebolísticos. A partir daí podemos entender como as narrativas das biografias destes ídolos, além de possuírem vários aspectos recorrentes e semelhantes, fundamentais na construção da figura mítica do herói, carregam também elementos diferenciados que servem para formar paradigmas distintos e aparentemente antagônicos no imaginário brasileiro.

Assim, temos na biografia de Zico uma ênfase inicial no passado relativamente pobre e no prazer e talento inato para jogar futebol que surgiram bem no início da infância.

Nasci numa rua chamada Lucinda Barbosa, em Quintino, um subúrbio do Rio de Janeiro (Zico, 1996: p.7). Minha mãe tem horror a hospital e por isso deu à luz em casa, com a ajuda de uma parteira amiga da gente —bem como Dona Matilde queria e como muita gente da vizinhança fazia naquele tempo. Sou o caçula de uma família numerosa (Zico, 1996: p.8).

Quintino, aquele bairro humilde da Zona Norte do Rio de Janeiro. (...) A casa dos Antunes continua ali na rua Lucida Barbosa, uma rua típica de cidade do interior. (...) Lá no alto, a casa (...) simples, com aquela varanda, um pequeno jardim e um portão rangedor, que chiava sempre quando era aberto, avisando a chegada de alguém (Bucar Nunes, 1986: p.15).

Futebol era o que mais me dava prazer na vida. Contam lá em casa que, depois de papai e mamãe, a primeira palavra que eu disse foi Dida —meu primeiro e até hoje meu maior ídolo no futebol (Zico, 1996: p.12).

Os seus brinquedos preferidos: a bola, depois a bola, e depois ainda, a bola. (...) Nas peladas, onde o valor individual era demonstrado na hora da escolha dos jogadores de cada equipe, passou a ser preferido.

- Par ou ímpar

- Par. Um, dois, três e já!

- Ganhei. Quero o Zico! (Bucar Nunes, 1986: p.17).

Geralmente, as biografias dos ídolos chamam a atenção para a infância pobre e o talento e a vocação como características inatas. Nisto a biografia de Zico não se diferencia das dos demais astros do esporte e até mesmo da música e do teatro, por exemplo. Em outra ocasião (Coelho & Helal, 1996) verificamos as mesmas características nas biografias do lendário jogador de beisebol Babe Ruth e da cantora Tina Turner. A ênfase na boa formação familiar de Zico é, no entanto, bem diferente das narrativas de Babe Ruth e Tina Turner, já que ambos tiveram perdas terríveis na infância. O fato é que a pobreza ou a infância simples ajudam na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares, diferenciando-os dos demais. Assim, a infância simples e o talento como algo natural são facetas da história de vida de Zico que ajudam a humanizá-lo e mitificá-lo ao mesmo tempo. Em uma análise sobre a figura de Zico elaborada em meados da década de 80, o escritor Artur da Távola esclarece que:

Ele (Zico) despontou há alguns anos como o próprio herói da mitologia em sua primeira fase, chamada de “inocência”, ou “alheamento”, quando ainda é figura pura e sem mácula (...) A figura de comunicação de Zico presta-se à perfeição a essa primeira etapa; provém de uma família de subúrbio muito unida e amiga, vive no e para o lar, é um rapaz simples, incapaz de um gesto desleal e traz apenas o seu talento fora do comum para o futebol (a espada, o escudo ou o capacete ou a capa do herói) (Távola, 1985: p. 356).

De fato, a biografia de Zico é permeada por um constante processo de junção entre o homem e o mito, o ordinário e o extraordinário, fundamental para a identificação do ídolo com os fãs. Neste sentido, ao dizer que Dida é até hoje seu maior ídolo no futebol, temos, mais uma vez, o Zico reverente, humano, ordinário. É o extraordinário, juntando-se ao ordinário, ao “homem comum” que tem seus ídolos e os reverencia. De fato, os ídolos têm que conviver constantemente com o drama de ser dois: o homem e o mito. Como no futebol é comum o jogador possuir um apelido (pelo qual é conhecido e famoso), podemos dizer, por exemplo, que por detrás dos “homens” Edson, Diego e Arthur, surgiram os “super-homens” Pelé, Maradona e Zico. Notemos que esta “esquizofrenia” inerente ao ídolo ou essa divisão em duas *personas*, uma “público-mítica”, outra “privada-humana”, pode aparecer explicitamente nos discursos de alguns deles como Pelé, por exemplo, que sempre frisou a diferença entre “Pelé” e o “Edson”.

A partir deste processo comum em quase toda a narrativa mítica da figura do herói, a biografia de Zico passa a privilegiar o esforço e o trabalho como determinantes para se atingir o sucesso. De forma exemplar, é o próprio Zico quem diz no prefácio do livro de Bucar Nunes, *Zico: Uma Lição de Vida*:

Sempre entendi, desde menino, que ninguém será capaz de exercer bem a sua profissão sem se exercitar bastante e sempre para o exercício dela. Afinal, não aprendemos que o maior merecimento dos vitoriosos é confiar, apaixonadamente, na eficácia do trabalho? Acho que isto deveria ser, sempre, o objetivo maior de cada um de nós: lutar por aquilo que se gosta. A vitória será consequência. Mas, sem dúvida, muita luta, muito trabalho, muito suor existem no caminho da determinação de cada um (Bucar Nunes, 1986).

Este é um discurso mais próximo da ética puritana das sociedades anglo-saxônicas, afastando-se do modelo “Malasartes” e “Macunaíma” que parte da mídia tende a cultuar no Brasil, especialmente no domínio do futebol. Talvez um estudo sobre a construção da figura mítica de Romário, por exemplo, nos revelaria uma biografia muito mais próxima do modelo “Malasartes” e “Macunaíma”, exaustivamente analisado por Roberto da Matta (1979) que, inclusive, traz para o discurso acadêmico a narrativa do “malandro” como uma vertente tipicamente brasileira, corroborando, assim, a postura adotada por parte da mídia.²

O fato é que, em ambas as biografias de Zico, a postura “anglo-saxônica” é super enfatizada, tanto ou mais até do que o talento extraordinário do atleta.

A ascensão de Zico foi bastante gradual, com muitos obstáculos no caminho, a começar pelo seu corpo franzino que quase o impediu de, aos treze anos de idade, fazer um teste no Flamengo. Por isso, logo após se firmar na escolinha, Zico se submeteu a um árduo tratamento para reforçar a musculatura, o que o levou a renunciar a vários prazeres próprios da adolescência. Este período de sua vida ganha uma dimensão singular em sua biografia. Mais do que dificuldades finan-

ceiras, comuns nas histórias de vida dos astros do nosso futebol e que ajudam no processo de identificação com os fãs, esta passagem na vida de Zico fala de determinação, esforço e renúncia, dando início a uma trajetória repleta de obstáculos rumo ao posto de estrela maior do futebol brasileiro.

O despertador tocava no horário habitual: 5h30m da manhã. Com a roupa do colégio e devidamente alimentado com um café da manhã reforçado, partia para o ponto de ônibus ou para a estação de Quintino. A primeira parada de ônibus ou do trem era a Central do Brasil. Daí à Gávea (...). Chegava cerca de meia hora antes do treino, que iniciava às 9 horas. Mais ou menos às 11 horas estava deixando o campo número dois do Flamengo. Um banho rápido, almoço lá mesmo na cantina da Gávea, e pé na estrada, rumo à cidade, porque às 12h30m as aulas estavam começando. (...) Às 5 da tarde, no final da aula, tinha que tomar outra condução. O destino era, novamente, a Zona Sul da cidade onde, na Academia Paula Ribeiro, treinava firme até as 8 horas da noite. No retorno para Quintino, aí pelas 9 da noite, mesmo passando pela Central do Brasil para a tradicional ‘conexão’, o trânsito, facilitado pelo horário, era mais rápido: por volta das 10h30m da noite estava chegando em casa. Banho, um capricho na última alimentação do dia, e pumba... APA-GAVA (Bucar Nunes, 1986: p. 38).

A partir daí, passa-se a enfatizar primordialmente a obstinação, o autocontrole e a disciplina de Zico. Bucar Nunes afirma que ele “tinha orgulho do seu autocontrole, da sua determinação, em busca do seu objetivo” (Bucar Nunes, 1986: p. 32) E mais adiante destaca as palavras do médico responsável pelo tratamento: “o que mais me encanta (...) é o seu senso de responsabilidade. É fora do comum a dedicação desse garoto. Nessa idade, a turma geralmente contesta (...). Ele, não. Vai sempre com o mesmo pique, com a mesma vontade, seguindo, literalmente à risca, as nossas determinações” (Bucar Nunes, 1986: p. 39). E o próprio Zico ao se lembrar daquela rotina, faz a seguinte reflexão: “Anos depois, quando sofri aquela contusão no joelho, alguém iria me dizer que na vida a gente precisa de duas coisas: paciência e memória; e precisa de memória principalmente para lembrar que precisa ter paciência” (Zico, 1996: p. 26).

Este tratamento a que se submeteu ainda bem jovem fez com que Zico ficasse conhecido no início da carreira como “craque de laboratório”. Ou seja, de um planejamento “científico”, com a ajuda de médicos, nutricionistas e modernas técnicas e aparelhos de educação física, surgiu uma grande estrela do nosso futebol. Era o racional, o objetivo e o matemático unindo-se ao lúdico, ao talento e à improvisação. É interessante notar, no entanto, que apesar das biografias enfatizarem positivamente a dedicação de Zico a este trabalho “científico”, à época a alcunha “craque de laboratório” era utilizada, muitas vezes, de forma pejorativa, significando um craque não genuíno, fugindo das características “artísticas”, “espontâneas” e “criativas” do nosso futebol.³

Provações, Derrotas e Conquistas

O que se evidencia nesta biografia é que o mito Zico surge ancorado primordialmente em características de sua personalidade. Este fato é decisivo na construção da figura mítica. Brandão fala de “honorabilidade pessoal”, “excelência” e “superioridade em relação aos outros mortais” como virtudes inerentes à condição do herói. A “superioridade” de Zico em relação aos outros mortais encontra-se mais na forma com que enfrenta os desafios, os obstáculos e as perdas que a vida impõe, do que em seu talento extraordinário para a prática do futebol. Neste sentido, a construção da narrativa mítica em torno de Zico enquadra-se no rol dos arquétipos universais de idolatria aos heróis. Ela nos mostra que não basta o ato heróico em si, de forma isolada —no caso, as vitórias, as realizações e os gols no futebol. O herói tem que preencher outros requisitos —tais como perseverança, determinação, luta, honestidade, altruísmo— para se firmar no posto.⁴ E Zico os preenche com bastante eficácia.

Ainda dentro desta idéia de arquétipo universal, observamos que a trajetória de vida de Zico é permeada por constantes desafios que ele superou com “armas” da sua personalidade para lograr êxito. Campbell explica que as “provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. Será que ele está à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a capacidade que o habilitem a servir?”. De fato, as provações na carreira de Zico começaram bem cedo. Depois do problema do corpo franzino, Zico sofreu uma grande decepção ao não ser convocado para as Olimpíadas de 1972. Seguindo o conselho do próprio técnico da Seleção Olímpica, Zico, que em 1971 já começara a jogar entre os profissionais, voltou para os juvenis a fim de ser convocado para as Olimpíadas que se realizariam no ano seguinte. A convocação não veio e Zico, a princípio, reagiu de forma “humana” e “ordinária”, com sentimento de revolta, decepção e muito abatimento: “alguma coisa, uma espécie de confiança nos outros, na justiça do mundo, tinha se desfeito. A seleção havia se classificado para os Jogos Olímpicos com um gol meu, eu confiara na promessa de convocação. Fiquei muito abatido e só pensava em largar o futebol” (Zico, 1996: pp. 33-34). No entanto, esta “derrota” na carreira do atleta o transformou em um “guerreiro” ainda mais lutador e obstinado: “a primeira semana de treino foi melancólica. Dura de chegar ao fim. Mas já na semana seguinte, ao lembrar da não convocação, treinava com mais garra ainda, transformando toda a sua revolta íntima em energia positiva para treinar” (Bucar Nunes, 1986: p. 52).

Porém, mesmo com toda esta dedicação e cada vez mais aprimorando a sua técnica, Zico levou um tempo para ser firmar na equipe profissional do Flamengo. Os técnicos temiam pelo seu corpo ainda franzino e ele passou o ano de 1973 no banco de reservas do time principal, sendo escalado em diversas posições durante as partidas. Contudo, até deste fato Zico tirou algo de positivo, enfatizando

que aprendeu a jogar em todas as posições do ataque, o que o tornou ainda mais versátil e completo para o futebol moderno (Bucar Nunes, 1986: p. 61; Zico, 1996: p. 36). Mas o que a biografia de Zico mais sublinha é o início de um caminho cheio de provações e obstáculos, superados através de um espírito de luta fora do comum: “foi um período difícil. Precisava me superar em cada jogo, em cada treino, provar a cada dia para todo mundo que tinha condições de ser titular” (Zico, 1996: p. 37).

A oportunidade para vir a ser titular da equipe veio em 1974, quando o técnico dos juvenis —que tinha sido campeão com Zico e que, portanto, conhecia todo o seu potencial— assumiu o comando do time profissional. Mais uma vez, uma surpresa: início do primeiro treino com o novo técnico no comando e Zico estava escalado na reserva. No entanto, este fato serviu para despertar definitivamente o espírito guerreiro e desenvolver o senso de profissionalismo: “agora a vontade maior era mostrar, imediatamente, a si próprio, que não iria faltar garra para dar a volta por cima mais uma vez. Com satisfação ou não, era profissional e estava ali para treinar” (Bucar Nunes, 1986: p. 63). O resultado foi que marcou dois “gols belíssimos” e os reservas venceram por 3 a 1 (Bucar Nunes, 1986: p. 64). Estava conquistada, de forma sofrida, a posição de titular. Deste momento em diante, Zico mitifica a camisa 10 do Flamengo, conhece a fama e transforma-se em um grande ídolo. Tudo isso, porém, em um caminho cheio de obstáculos e provações. Conforme ele mesmo diz:

Por toda a minha carreira, enfrentei diversas tentativas de desacreditar meu futebol. Já disseram que eu só era bom jogador no Maracanã, que não sabia jogar na seleção, que não suportava marcação à européia, e mais dezenas de acusações às quais respondia jogando. Era o que eu sabia fazer: jogar futebol (Zico, 1986: p. 45).

Aprendi com meu pai a respeitar meu trabalho e a valorizar o que consigo com meu esforço. Todo dia tínhamos que treinar finalizações e passes. São nossos instrumentos de trabalho. (...) Eu me habituei a ser o jogador mais cobrado. Estava em evidência o tempo todo, era minha responsabilidade, inclusive, dar o exemplo de dedicação e profissionalismo, não faltar aos treinos sem motivo justo, não perder vôos nem horários. (...) Eu queria fazer carreira, queria ser o melhor, ou pelo menos estar entre os melhores. Então, isso tinha um preço, havia responsabilidades incluídas nesse objetivo (Zico, 1996: pp. 56-57).

Referindo-se a um episódio ocorrido na vida de Zico em 1979, Bucar Nunes destaca de forma emblemática:

E foi com absoluta convicção que ele pôde comprovar, mais uma vez, que o TRABALHO com DETERMINAÇÃO (Os destaques são do autor) é o capital que menos falha. E, então, Deus ajuda. Os comentários, apesar do suces-

so do Flamengo e dos gols fora de série, que surgiam a cada partida, eram maldosos. Principalmente em relação aos jogos internacionais (...) Estava mostrando ao mundo que tinha condições de estar entre os melhores porque tinha trabalhado com afinco, desde criança, para vencer na sua profissão (Bucar Nunes, 1986: pp. 110-114) .

O que se verifica, de forma nítida, na biografia de Zico é a construção de uma narrativa na qual uma série de obstáculos, perdas e fracassos são sempre acompanhados de uma história de muito trabalho, determinação e profissionalismo: “nada acontece por acaso e para todas as coisas há um preço. Em qualquer atividade, treinamento e persistência são fundamentais” (Zico, 1996: p. 125). Dentro da explicação de Umberto Eco sobre o fascínio que o mito do super-homem exerce sobre nós, podemos dizer que do Zico “humano” —e as perdas das Copas do Mundo contribuíram para dar um tom ainda mais “humano” à sua biografia— surge o “ídolo”, um ser “extraordinário” que através de muita luta, treino, trabalho e esforço superou os obstáculos e atingiu a glória. No final das contas, estamos diante de um vitorioso, hoje um empresário bem-sucedido.

Assim, a biografia de Zico, ao enfatizar, de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, junta-se aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, “oficiais” —nas quais a mídia é o instrumento legitimador— no Brasil. Aqui, temos freqüentemente um ideal “essencializado” de seres “moleques” e “irreverentes”. O ponto que quero chamar a atenção é que a biografia de Zico, mesmo contrariando este padrão “oficial”, também é uma vertente brasileira. Posto que se faz sucesso é porque “cola” com os anseios da comunidade. Mesmo que a maioria dos modelos de idolatria em nossa sociedade enfatize um padrão mais próximo do que “essencializamos” como sendo tipicamente brasileiro, há espaço para outras narrativas mais universalistas, mas que nem por isso deixam de ser brasileiras. É importante estarmos atentos para os discursos que fogem dos padrões considerados “oficiais”. Eles podem ser extremamente reveladores de faces do Brasil que não nos acostumamos a celebrar.

Bibliografia

- Brandão, Junito de Souza 1993 *Mitologia Grega, vol. 3* (Petrópolis: Vozes).
- Bucar Nunes, Marcus Vinícius 1986 *Zico: uma lição de vida* (Brasília: Offset Editora Gráfica e Jornalística).
- Campbell, Joseph 1995 *O Herói de Mil Faces* (São Paulo: Cultrix).
- Coelho, Maria Claudia e Helal, Ronaldo 1996 “A Indústria Cultural e as Biografias de Estrelas: as histórias de Babe Ruth e Tina Turner” in *Cadernos Pedagógicos e Culturais* v5 n. 1-2 (Centro Educacional de Niterói).
- Da Matta, Roberto 1979 *Carnavais, Malandros e Heróis*. (Rio de Janeiro: Zahar).
- Eco, Umberto 1979 *Apocalípticos e Integrados* (São Paulo: Perspectiva).
- Helal, Ronaldo 1999 “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”, in *Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.2 (CEFD/UFMS).
- Helal, Ronaldo 1998 “Cultura e Idolatria: Ilusão, Consumo e Fantasia” in Rocha, Everardo (org.) *Cultura e Imaginário* (Rio de Janeiro: Mauad).
- Helal, Ronaldo 1998 “Mídia, Construção da Derrota e o Mito do Herói”, in *Motus Corporis* vol. 5 n.2 (Rio de Janeiro: UGF).
- Helal, Ronaldo & Gordon J., Cesar Claudio 1999 “Sociologia, História e Romance na Construção da Identidade Nacional Através do Futebol”, in *Estudos Históricos* (Rio de Janeiro: FGV).
- Morin, Edgar 1980 *As Estrelas de Cinema*. (Lisboa: Horizonte).
- Rocha, Everardo 1996 “As Invenções do Cotidiano: o descobrimento do Brasil e a conquista do Tetra”, in *Pesquisa de Campo* n° 3-4 (Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ).
- Soares, Antonio Jorge G. 1998 *Futebol, raça e nacionalidade: releitura da história oficial*. Tese de Doutorado. Programa de PósGraduação em Educação Física (Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho).
- Távola, Artur 1985 *Comunicação é Mito* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira).
- Zico 1996 *Zico Conta Sua História* (São Paulo: FTD).

Notas

1. Muitas das observações aqui apresentadas foram extraídas, com algumas alterações, do artigo “Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol”, publicado na revista *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*, vol.2 , ano 2, CEFD/UFSM, 1999.
2. Sobre uma discussão a respeito da reprodução de narrativas da imprensa pela academia ver Soares (1998) e Helal e Gordon (1998).
3. Esta observação está calcada em depoimentos tomados pelo autor de pessoas ligadas ao universo do futebol.
4. Para uma análise sobre o modelo universal da figura do herói, tendo como fonte de análise o filme “Herói por Acidente”, de Stephen Frears, ver Helal in Rocha (1998).